

20. *Círculo cósmico*

Livro-me tarde. Um deus facínora
rasga a cabeleira da treva
e emerge todo satisfeito
como uma rocha de entre as ondas.

Estou no patamar do mar
e suplico gesticulando
com duas bandeiras na mão:
uma rosada e outra vermelha.

Tudo realizado e pronto
e público e definitivo,
tal um diário oficial
grifado para a Eternidade.

Agora o deus mencionado
particularmente dirige
a mão de lâmina, o perdão
ridente como todo escárneo.

E levantado num rochedo
(no mais alto naturalmente)
dá grande salto pirotécnico,
antes de afastar-se dali.

ESTUDOS

POBREZA, PROLIFERAÇÃO E SUBDESENVOLVIMENTO

PESSOA DE MORAIS

Condições sócio-econômicas e proliferação. A questão do alto coeficiente de fertilidade das áreas de pobreza, inclusive dos países subdesenvolvidos, e do baixo índice de procriação das áreas economicamente mais favorecidas. Os fatores biológicos e a fertilidade: a insuficiência e precariedade do raciocínio biológico na explicação do problema. As considerações precipitadas e falsas sobre níveis de resistência orgânica, proveniente da inspeção superficial do fenômeno: uma tentativa de teorização científica. Outros decisivos fundamentos socio-culturais da explicação da fertilidade e esterilidade das áreas já aludidas. Discussão geral:

É de fato notório que em inúmeros países, a proliferação tem sido sem dúvida maior nas classes pobres do que nas classes ricas. Estudos objetivos concernentes a países adiantados como os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Noruega, etc., constatarem esse fenômeno da maior proliferação das áreas pobres em contraste com as áreas mais ricas, que exibem em geral um menor coeficiente de fertilidade.

Por outro lado, os países pobres e subdesenvolvidos apresentam, também, como já foi visto, um grande crescimento populacional. Para a América Central, por exemplo, estima-se que o aumento de população em apenas 23 anos — de 1957 a 1980 — é calculado em 89%, e para a América do Sul em igual período, se prevê o acréscimo de cerca de 77%.

Êsses aumentos serão tão importantes, que alterarão, sem dúvida sensivelmente, o quadro populacional da América, esperando-se até que a população latino-americana, seja superior mesmo em 80 milhões em relação ao total da população dos Estados Unidos e do Canadá, em 1980 (1).

Ou seja, os povos latino-americanos, com mais de 2/3 de sua população em estado de reconhecida pobreza e carência alimentar, crescem enormemente a sua população, o mesmo acontecendo com outras áreas pobres, sobretudo da África e da Ásia, cujo crescimento populacional é muito alto.

A China por exemplo, foi nos últimos dois mil anos, assolada por 1829 grandes epidemias de fome, informa Josué de Castro citando um estudo histórico da Universidade de Nanquim, referido no livro de W. Mallory, *China, Land of Famine*, publicado sob os auspícios da Sociedade Americana de Geografia. Mostra o mencionado autor, desta feita apoiado em Elysée Réclus, no trabalho *Nouvelle Géographie Universelle*, como no último século, cerca de 100 milhões de pessoas morreram de fome ainda na China. A Índia tem sido sujeita também através da História, a epidemias de fome, e nos últimos trinta anos do século passado, diz a mesma fonte bibliográfica, que 20 milhões de vidas humanas foram ceifadas pela tragédia dessas epidemias (2).

O curioso, é que justamente essas áreas, incluindo os países subdesenvolvidos, e as classes pobres dos países ricos, são as que apresentaram, em geral, um índice mais alto de proliferação. O fato surpreende o observador, o que leva muitas vezes a pensar que a natureza dotaria a espécie ameaçada pela subnutrição e pelo depauperamento, de uma maior capacidade reprodutiva, como mecanismo típico de reparação e de sobrevivência.

Todavia, os estudos biológicos sobre o assunto, não resolvem de modo nenhum o problema. Aliás, trata-se de um fenômeno de tal maneira entrelaçado com fatores de ordem socio-cultural de toda espécie, como veremos, que a explicação biológica exclusivista nunca poderia abarcar a complexidade da questão.

Discute-se por exemplo, se determinados ingredientes da alimentação, incorporariam ao organismo substâncias que favoreceriam ou não a maior fertilidade. Entretanto, os estudos em geral sobre este aspecto, terminam em si mesmos por nada ou quase nada esclarecer, como veremos, se não se levar em consideração importantes fatores da vida sócio-cultural, cada um elucidando ângulos importantes do assunto.

A tese de que a dieta pobre em proteínas animais condu-

ziria a um maior índice de proliferação, enquanto a alimentação rica em tais proteínas levaria inversamente a uma baixa fertilidade, é contrabalançada por outra de caráter antagônico: a de que o próprio funcionamento da vida sexual, incluindo a reprodução, estaria na dependência de uma adequada dieta de proteínas, que favoreceria assim a maior procriação. Ao contrário, uma dieta pobre da aludida substância, favoreceria teoricamente uma baixa do índice de fertilidade.

Sabe-se aliás, que os hormônios hipofisários, inclusive as gonadotropinas hipofisárias, responsáveis pela reprodução e que estimulam as gônadas, são de origem proteica, isto é, se originam de proteínas. O próprio protoplasma das glândulas sexuais nam de proteínas. Nessas condições, a carência de proteína traz alterações fisiológicas e anatômicas das células, que são na realidade, mudanças de estrutura (3).

As carências proteicas graves, podem provocar até esclerose das glândulas endócrinas, inclusive das gônadas, ligadas como se conhece à reprodução. Já nas carências proteicas menos acentuadas, o que se verifica é que as proteínas, por um mecanismo de adaptação, são distribuídas para as funções mais solicitadas, quais sejam: a formação de anticorpos para a imunização, de enzimas para o metabolismo e de hormônios para a reprodução. Quando tal carência se acentua, verifica-se então uma queda da imunização, de certos enzimas e da própria reprodução (4). É provável, dada a variação das várias proteínas em aminoácidos, que nem todas possuam idêntico efeito sobre a função reprodutiva.

Como se vê, esses estudos tendem a mostrar que a subnutrição aumenta a fertilidade, ao contrário da supernutrição, sobretudo de proteínas, que diminuiria a capacidade de procriação. Quer dizer, essas conclusões de ordem biológica como mostra o prof. Nelson Chaves, nada explicam sobre o fenômeno do alto índice populacional das áreas pobres e subnutridas dos países subdesenvolvidos. Tais fundamentos biológicos ou fisiológicos levariam até a resultados inversos dos que se passam nesses países, se fatores de natureza marcadamente sócio-cultural, como conclui acertadamente o estudioso aludido, não inter-

ferissem de modo decisivo no problema, alterando inteiramente a sua configuração.

O fato é que a tese biológica da correlação entre maior consumo de proteína animal e fertilidade, é contrabalançada pela tese inversa a que nos referimos. O que significa que do ponto de vista da Biologia ou da Fisiologia, as conclusões não nos autorizam de modo nenhum, a pensar num condicionamento do fenômeno aludido, por fatores dessa ordem. Principalmente, quando levamos em conta a visível interrelação do problema com uma multiplicidade de elementos sociais ou sócio-culturais.

Por outro lado, as mulheres hiperestênicas ou brevilineas por exemplo, seriam mais férteis do que as mulheres astênicas ou longilíneas, provavelmente pela questão da localização do ovário, e por razões de ordem anatômica e fisiológica pretendidamente comprovadas mesmo, por pesquisas objetivas, como disseram Pende, Gualco e Sarperi, informa o prof. Poggi de Figueiredo (5). Quer dizer, os tipos de mulheres mais baixas e gordas, tenderiam a apresentar maior índice de procriação.

Isso significa que estamos diante de um suposto fator fisiológico ou melhor biotipológico, influenciando teoricamente o problema da maior ou menor fertilidade. Todavia, o assunto considerado em termos meramente individuais pela Biotipologia, pode sofrer na prática importantes alterações, se as condições sócio-culturais, por exemplo, levarem a efeitos diversos. Em outras palavras, pode acontecer que determinada população constituída em sua maioria pelo referido tipo astênico ou longilíneo de mulher, restrinja mesmo em graus os mais variáveis a procriação. Razões sócio-culturais por exemplo, podem com efeito levar ditas mulheres a restringir o número de filhos, digamos, por processos anticoncepcionais, largamente difundidos; através do recurso tão comum em certas áreas, dos abortos provocados; por questão de tensões emocionais, às vezes muito intensas ligadas por exemplo, ao tipo de família ou de sociedade concretamente considerada, e que pode quebrar consideravelmente o nível de resistência orgânica, diminuindo nas mulheres a capacidade procriadora; ainda por motivos psicológicos, correlacionados com a concentração da atenção num mundo de atividades e preocupações, muitas vezes absorventes

de tal forma, que desviam de modo enérgico o pensamento e a concentração psíquica, dos problemas ou assuntos sexuais etc., etc.

Tudo isso significa que, mesmo admitindo-se por hipótese, a correlação entre tipo brevilineo de mulher e maior fertilidade, tal correlação só poderá se expressar nos termos aludidos, em determinadas condições. Estas, implicam em haver obviamente uma coincidência entre a existência majoritária de tal tipo na população considerada, e as características sócio-culturais, tendendo igualmente para estimular a procriação. Se o conjunto dessas características favorecerem o aparecimento da maior fertilidade, a mesma terá evidentemente de se apresentar visível. Porém, antes por razões sociais e culturais, do que por base tipicamente biológica.

O que foi dito, mostra como uma suposta tendência fisiológica ou biotipológica, por si só nada significa, se não fôr favorecida pelo conjunto das condições sociais ou sócio-culturais. Estas últimas, como se vê, acabam exercendo o completo controle do fenômeno, que fica assim na sua inteira dependência e condicionamento.

Mesmo a classificação de W. H. Sheldon e seus colaboradores (6) por exemplo, a respeito dos tipos humanos, levando em conta inclusive os elementos múltiplos do corpo, numa configuração mais completa e ampla, não escapa, contudo, à conclusão anterior, como mostraremos mais adiante. O prof. da Universidade de Harvard levou em consideração a estrutura geral do indivíduo, partindo da classificação do tecido embrionário em endodermo, mesodermo e ectodermo, e dos diferentes tipos de tecidos que se desenvolvem, segundo se trate da composição da pele, dos ossos, do sistema nervoso e das vísceras. Conferiu a cada sistema de tecido uma escala de 1 a 7 pontos. Assim, um homem com valores médios, obteria 4-4-4. Já uma escala de 7-1-1, significa desenvolvimento extremo de um dos tipos de tecido.

Partindo de uma investigação de 4.000 casos de rapazes estudantes, Sheldon e seus colaboradores concluíram por exemplo, que o tipo ectomorfo, relativamente esbelto, linear, anguloso, que possui a maior área sensorial de exposição ao mundo

exterior, e de sistema nervoso central e cérebro proporcionalmente maior em relação ao corpo, com economia corporal derivada da camada embrionária ectodérmica, apresentaria sexualmente o traço seguinte: seria um tipo, conforme tais estudos, intermitentemente dominado por um impulso sexual avassalador, exibindo através da experiência o êxtase sexual mais intenso (7).

Por outro lado, a respeito da maturidade sexual fisiológica das mulheres, tais estudos constataram que o tipo ectomorfo, ao menos o mesomórfico-ectomorfo, apresentaria tal maturidade tardiamente. Trata-se de môças altas, fortes nos dois primeiros componentes e com menor ou pouca influência do terceiro. As môças altamente endomórficas, com pequena mesomorfia, tenderiam a apresentar tardiamente o período de menstruação (8). Convém salientar, que na referida classificação biotipológica, o tipo endomórfico significa predominância relativa de um arredondamento de consistência, a qual se apresenta pouco compacta e mole. Em tal tipo, as vísceras digestivas são volumosas e tendem a dominar relativamente a economia do corpo. Já o tipo mesomórfico, caracteriza-se por uma predominância relativa de músculos, ossos, bem como do tecido conjuntivo apresentando um corpo retangular de aparência pesada e dura.

Pois bem, se tais tendências fôsem suficientes em qualquer população, independentemente de mais nada, para configurar o caráter da vida sexual, incluindo o período tardio ou precoce da maturidade sexual, o problema da maior procriação dos países pobres ou subdesenvolvidos receberia aqui um subsídio inestimável. Todavia, a questão se complica enormemente como sempre, através dos elementos concretos da cultura, que conferem a dadas populações ou grupos, uma série de características que nem sempre se ajustam obviamente a essas possíveis tendências biotipológicas.

O tipo alto e esbelto de rapaz, pode inibir seus impulsos — admitida a veracidade da tese de Sheldon — através do estilo de educação que recebeu objetivamente desde a infância; ou por motivo de caráter religioso, numa sociedade ou época que cultive a religiosidade por exemplo, intensa e profundamente. Do mesmo modo, sabe-se hoje que determinadas con-

dições mesológicas alteram sem dúvida como os estudos de Fransblau têm mostrado, a idade da puberdade feminina, e por consequência da maturidade dos óvulos.

Por outro lado, mesmo que a tendência sexual expressa nos traços biotipológicos seja estimulada socioculturalmente, pode acontecer também sem dúvida, que mesmo assim, outras tantas solicitações da vida social ou cultural, concorram evidentemente para fazer com que as relações sexuais largamente cultivadas, não redundem em procriação. Isso por vários fatores, inclusive pelo uso de práticas ou métodos anticoncepcionais, que sejam altamente disseminados; pela prática difundida dos abortos provocados; por problemas ligados à tensão psíquica e nervosa, que sabe-se hoje provocar em certas condições, stress, e por consequência, quebra do nível de resistência orgânica, dificultando na mulher a maturidade dos óvulos. Do mesmo modo, a falta por qualquer motivo de proteínas, ou o seu consumo reduzido por razões, digamos religiosas, ligadas à vida sócio-cultural, altera como foi mostrado, a fisiologia e até a estrutura da vida sexual, afetando sensivelmente nas condições proteicas mais intensas, toda a função reprodutiva.

Como estamos vendo, o assunto é muito mais complexo do que se pensa, e exige, para o raciocínio científico, toda uma gama intrincada de interrelações. Estas devem levar em conta, decisivamente, o papel dessa interação múltipla que se processa entre a vida biológica, fisiológica ou biotipológica de um lado, e o mundo intrincado das condições sócio-culturais, do outro. No final, como sempre, ou melhor depois de completado o estudo biotipológico com o sociológico, o que se verifica é o condicionamento da vida sócio-cultural que acaba muitas vezes imprimindo às tendências sexuais e de procriação de base meramente biotipológicas, marcas profundamente discordantes, quando não antagônicas.

Por isso, o sociólogo alemão da nova geração, Helmut Schelsky (9) discute especificamente problemas sociológicos da vida sexual em seu livro *Soziologie der Sexualität*, sem se deixar empolgar, como era o caso no passado, por tendências supostamente biológicas, independentemente de condicionamentos sociais ou sócio-culturais.

Por outro lado, há ainda outro raciocínio de caráter biológico, mais precisamente fisiológico, que deve ser considerado aqui. Contudo, o mesmo não tem melhor sorte do que os demais na explicação da alta fertilidade das áreas subdesenvolvidas, ou do baixo índice de procriação das áreas ricas ou prósperas.

Trata-se mesmo como veremos, de um argumento elementar da Fisiologia, que corrobora apenas a tese já discutida de que a superalimentação favoreceria a fertilidade, ao contrário da subalimentação, que faria diminuir o índice aludido. Como se vê, portanto, será apenas um argumento de caráter fisiológico a mais, que ao invés de tender para explicar biologicamente o fenômeno aqui abordado, reforça apenas ainda mais a tese de que o assunto nada tem a ver pelo menos em traços básicos, com questões ligadas sem mais nada a condicionamentos biológicos.

O caso é o seguinte: do ponto de vista fisiológico da mulher, a questão da fertilidade se caracteriza como é evidente, por um amadurecimento de óvulos, que conduz justamente às condições mais favoráveis de fecundação. É óbvio portanto, que sem esse conveniente amadurecimento, não se pode falar sequer em fecundação, fenômeno que pressupõe assim, serem os óvulos femininos preliminarmente amadurecidos.

Nessas condições, é a alimentação um elemento de reparação das perdas orgânicas, que concorre obviamente para levantar o estado geral da mulher, provocando assim sua normalização funcional. Torna-se evidente que o amadurecimento dos óvulos, dependente ao menos teoricamente dessa normalização, teria numa boa dieta alimentar um fator de favorecimento. Ao contrário, uma alimentação pobre e deficiente, provocaria teoricamente pela quebra da resistência orgânica que acarreta, condições fisiológicas desfavoráveis ao amadurecimento dos óvulos, e por consequência tendentes a diminuir ou mesmo obstar a fertilidade, o que estaria de modo evidente na dependência do grau de intensidade em que fôssem afetadas as mencionadas condições orgânicas. Isso sem falar no problema do menor consumo de proteínas e sua possível interferência na reprodução.

Quer dizer, o ponto de vista fisiológico elementar, corrobora a tese já discutida da correlação de um lado, entre boa

alimentação sobretudo de proteínas, e fertilidade, e do outro, entre carência alimentar, incluindo o elemento aludido, e diminuição da procriação e até esterilidade. E apoia tal tese, pela circunstância decisiva de partir da questão do levantamento das condições orgânicas, como ponto fundamental. Ora, é evidente que qualquer tipo de alimentação, como a de base proteica, por exemplo, da tese já vista, concorre sem dúvida para a reparação de perdas orgânicas, indispensável como vimos, ao amadurecimento dos óvulos.

Por outro lado, o raciocínio fisiológico de que tratamos, conduz à conclusão sem dúvida de que a carência de alimentação leva a uma baixa procriação, já que se inclina pela existência de uma correlação que existiria entre boa dieta alimentar e fertilidade.

Devemos lembrar-nos que uma corrente de pensamento biológico, interpreta como foi visto, o problema de modo inteiramente contrário, defendendo o ponto de vista da correlação entre subnutrição, sobretudo de proteínas animais, e fertilidade. Dêste modo, se levarmos em conta tudo que foi visto, inclusive a série de considerações de caráter antagônico que fizemos sobre a profunda correlação que existiria entre o baixo consumo de proteínas e perturbação de toda vida sexual, incluindo a reprodução, compreenderemos ainda melhor a dubiedade e insuficiência do raciocínio biológico na explicação do problema. É que precisamente como se sabe, são as áreas pobres e subdesenvolvidas as que mais procriam. Dêste modo, a dubiedade das teses biológicas de um lado, e a sua insuficiência para explicar um fenômeno interrelacionado com toda uma teia complexa de condições socioculturais do outro, acabam por deixar a questão no ar, sem solução plausível.

Além do mais, como foi dito, a procura pura e simples de uma fundamentação biológica, dificilmente explicaria um assunto de si mesmo envolvido numa trama múltipla de condições sociais ou sócio-culturais.

— o —

Afinal de contas, feitas as considerações até agora esboçadas, em que se baseia então o problema do alto índice de

fertilidade das áreas pobres e subdesenvolvidas, em contraste com o baixo coeficiente de procriação dos países ou áreas de prosperidade? Que sugestões ou raciocínios nos levam a explicar esse fenômeno curioso, que contraria investigações fisiológicas ciosas de sua validade? Onde residem, afinal, os elementos esclarecedores do assunto ou que ao menos lancem alguma luz na compreensão do problema?

A resposta às perguntas acima implica numa série de considerações, já que a matéria pela sua complexidade essencial, não pode ser resolvida numa fórmula qualquer.

Inicialmente, o que mais chama a atenção para o assunto, é o fato de que são precisamente os povos pobres e subnutridos, os que apresentam como temos visto, os índices mais altos de fertilidade. Além disso, temos de levar em conta as enfermidades de toda ordem que assolam esses países por exemplo, atingindo o organismo dessas populações em graus os mais diversos e intensivos, sem prejudicar o seu alto índice de proliferação.

Não podemos deixar de considerar, assim, essas inúmeras enfermidades que infestam em massa tais áreas, incidindo em larga escala sobre as populações. Estas escaparam, por assim dizer, milagrosamente à mortalidade infantil extremamente alta e às doenças da infância, que atacam como se sabe também em índices extremamente elevados, ainda em tenra idade, as pessoas dessas regiões.

Por outro lado, é preciso se considerar que as enfermidades dos países subdesenvolvidos provocam justamente uma mortalidade precoce, a ponto de diminuir muito o coeficiente de longevidade de tais países. Pois bem, essa disseminação em massa de enfermidades típicas de que já falamos, incide por isso mesmo, inclusive nas idades jovens, e por consequência nas épocas mais favoráveis à reprodução.

Que forças misteriosas e estranhas então são essas, que preservam o organismo das populações pobres dos efeitos fisiológicos do enfraquecimento e da debilitação orgânica em sua interferência sobre a fertilidade? Será que tal suposto enfraquecimento nada tem a ver com o declínio das condições de fertilidade, sendo antes uma mera conjectura sem maior alcance, ou há aqui a interferência de outras condições ou fatores?

O fato merece uma reflexão especial. Em primeiro lugar, o que nos chama imediatamente a atenção, é o modo sumário como em geral se raciocina sobre o assunto. É que o quadro de precariedade existente nos países pobres ou subdesenvolvidos, em contraste com o quadro de conforto e fartura dos países ricos ou desenvolvidos, leva quase sempre a uma conclusão independentemente de mais nada: a de que os povos ricos por isso mesmo tenderiam a apresentar em todas as circunstâncias de um modo geral, um índice de resistência orgânica muito mais alto do que o dos povos subdesenvolvidos ou pobres.

Para a conclusão acima parte-se em geral da circunstância de que a alimentação deficiente ou mesmo a carência alimentar, aliada às doenças típicas das áreas de pobreza, tudo isso concorreria para uma pronunciada diminuição da resistência dessas populações.

De um modo geral, o raciocínio é por si mesmo evidente, e nada se pode obstar contra tais conclusões. Todavia, o problema em nosso entender, não se cinge a essa consideração isolada e simplista do fenômeno em relação às áreas pobres. A questão fundamental provavelmente será antes a da comparação entre os presumíveis níveis de resistência a fatores desfavoráveis por parte das mulheres pobres, com referência ao das mulheres das áreas ricas ou abastadas. A inspeção cuidadosa por exemplo, do estilo de vida dos dois grupos, será pois, elemento da melhor valia na tentativa de elucidação do fenômeno aqui abordado.

Considerando o problema cientificamente proposto, compreendemos de logo divergências fundamentais nos modos de viver de áreas ricas ou abastadas de um lado, e de áreas pobres do outro. Como um elemento de tal natureza não pode ser desprezado no raciocínio teórico, sob pena de se estabelecer uma lacuna imperdoável sobre um assunto reconhecidamente da maior importância, temos de fazer as seguintes ponderações: que pontos ou aspectos básicos assinalam essa diferença de estilos de vida dos dois grupos considerados? Terá essa diferença, importância real para se aquilatar a possível maior ou menor resistência de cada um desses grupos a situações desfavoráveis? Haverá, mesmo teoricamente, a possibilidade de se suspeitar de uma diferença de resposta orgânica derivada de características diver-

sas, ligadas ao mundo das condições sociais ou sócio-culturais dos dois grupos?

As perguntas acima levam-nos a refletir melhor a respeito de como as mulheres de áreas pobres por exemplo, se habituariam desde a mais tenra infância a enfrentar, de modo direto, um mundo de situações completamente desfavoráveis e precárias. Com efeito, as situações concretas da existência obrigam-nos mesmo a levar uma vida muito mais ao contacto imediato das condições exógenas, lidando frontalmente desde muito cedo com as inclemências de um mundo impiedoso e áspero.

Além disso, a vida que levam na maioria dos casos, sem os artifícios ou requintes de conforto de qualquer espécie, obrigam-nas a uma movimentação constante e quase ininterrupta do corpo e dos músculos, numa liberdade de movimentos e de exercícios físicos, que é uma contingência normal do seu estilo de viver.

Também, é ponto básico na compreensão mais detida do modo de vida das populações ou áreas de pobreza, a circunstância elementar de que para essas populações ou áreas, o mundo exterior é em geral enfrentado sem o mecanismo dos artifícios intermediários, criados pelos estágios mais altos da evolução cultural. Aqui pelo contrário, não há artificialismo, conforto, aparatos engenhosos e múltiplos de proteção de toda espécie, que a natureza mesma da vida rústica e áspera da gente pobre de modo nenhum comporta. O que há em torno é apenas o mundo largo com as suas ameaças, as suas doenças, as suas dificuldades sem conta, com o dilema inexorável e rígido do perecimento ou da sobrevivência.

Afeita a êsse embate cruento desde a infância, a mulher das áreas subdesenvolvidas tem por assim dizer na doença e na fome que assolam as áreas de pobreza, uma dificuldade a mais na luta contínua que acostumou a travar com a vida, e que se tornou por isso mesmo, aspecto corriqueiro e até normal de sua existência.

É evidente que num viver dêsse tipo, aguilhado por solicitações constantes de alerta e de luta, o corpo aparentemente apenas combalido e enfêrmo acaba por adquirir reservas prodigiosas de energia para resistir às adversidades do meio.

Por outro lado, uma reflexão fundamental ainda se impõe: é que as dificuldades, as fomes e as doenças por exemplo, talvez

exercem na verdade um alto e relevante papel de seleção: é que nêsses embates cruentos, os organismos menos resistentes são ceifados de pronto pela morte, de modo que os que resistem à áspera refrega, acabam por isso mesmo sendo os organismos mais fortes e eugênicos, aprimorados na capacidade adquirida da luta pela sobrevivência.

É fenômeno sabido por exemplo, o fato de que a civilização, com os cuidados médicos e o aprimoramento das condições de higiene, ao mesmo tempo que tem ampliado os índices de vida, tem possibilitado por isso mesmo o prolongamento da existência de pessoas muitas vezes potencialmente fracas ou enfermiças. Aliás, fala-se até muito dêsse fenômeno, mas em geral não se reflete melhor na consideração de suas implicações no problema dos índices de resistência orgânica das áreas pobres ou subdesenvolvidas. Há aqui sem dúvida, outro elemento essencial do raciocínio teórico, que não pode ser desprezado na análise do problema. Se levarmos em conta ainda por exemplo, que uma série de enfermidades, distúrbios ou anomalias congênicas são transmitidas como se sabe, de pai a filho por via hereditária, compreenderemos ainda melhor as consequências da debilidade orgânica, que muitas vezes a civilização com a sua higiene, a sua medicina e o seu conforto, sutilmente agasalha.

Por outro lado, se refletirmos acêrca do estilo de vida das classes ricas, e da peculiaridade de suas características biológicas, veremos que a sua pretendida maior resistência aos fatores desfavoráveis, é pelo menos como regra geral e tranquila, um mito que não resiste às ponderações do raciocínio teórico.

Com efeito, a mulher das áreas ricas ou abastadas por exemplo, cercada de confortos de toda ordem, de mil e um apetrechos engenhosos para lhe facilitar a existência de si mesma já fácil, não lida senão acidentalmente com as solicitações exógenas. Entre elas e o mundo exterior, a civilização acabou por antepor toda uma série engenhosa de separação em que em última análise se resume o conforto. A realidade externa do mundo para as áreas ricas ou prósperas, é sentida cada vez mais por assim dizer, de longe, artificialmente, como algo dis-

tante, afastado e estranho, que se procura superar através de todos os artifícios. Há como que o prazer sádico de se fugir dessa realidade, de dominá-la pela técnica e de se voltar as costas à natureza, através de todos os requintes da cultura.

Pergunta-se porém: que preço paga a nossa civilização por êsse repúdio à natureza, e além disso por êsse cerceamento inevitável em grande parte do exercício físico e dos movimentos corporais, que tal estilo de vida artificial provoca? Se considerarmos ainda a maior simplicidade de vida da pobreza, e o mundo maior de solicitações psicológicas que os refinamentos da cultura cada vez mais amplia, compreendemos cada vez mais de um lado, a relativa inadaptação das áreas ricas ou abastadas aos fatores adversos; do outro a atmosfera psíquica construída que se reflete inevitavelmente nas próprias condições corporais. Esta última circunstância explica, provavelmente, a razão pela qual o período lácteo da mulher banto se alonga entre dois a três anos, do mesmo modo que a mulher de algumas áreas da América Central, exibe também um longo período de amamentação. Entre nós no Brasil, por exemplo, é comum entre gente pobre, períodos lácteos de um ano completo.

Já nas áreas ricas ou abastadas, êsse período diminui sensivelmente, apresentando-se algumas mulheres quase sem leite, com períodos de amamentação curtíssimos, de um a três meses por exemplo. O fenômeno se explica por stress emocional, que acarreta inibição hipotalâmica da excreção de leite e excitação do simpático, dificultando o influxo de substância nutritiva à mama para secreção do leite (10).

Ora, essas mesmas condições psíquicas que afetam a secreção láctea, influem também evidentemente sobre o corpo em geral, provocando outros tipos de stress, que trazem em todos os casos, como se sabe, quebra de resistência orgânica. Como a mulher das áreas ricas, numa vida às mais das vezes artificial e sem movimentação física como foi dito, não está acostumada assim pela natureza de sua existência, a sentir impactos desfavoráveis, torna-se claro que muitos dêsses impactos assumem por isso para elas, proporções violentas e até dramáticas.

É muito provável diante de tudo isso, que a repercussão dêsses impactos muitas vezes comuns nas áreas ricas, tragam como resultado uma queda muito maior dos níveis de resistên-

cia orgânica, do que aparentemente se pensa. Sabe-se que essa resistência é, como vimos, elemento fisiológico da maior importância no amadurecimento dos óvulos. Como êsses próprios impactos experimentados com frequência pelas mulheres ricas e abastadas possuem para as condições peculiares de sua existência, uma amplitude talvez não suspeitada, e por outro lado, como o nível de resistência das mulheres pobres talvez não seja tão baixo como se pensa, segue-se que há aí talvez importante explicação do mecanismo do fenômeno neste capítulo abordado.

De qualquer forma, o assunto aqui exposto, exige reflexão, já que é teoricamente viável e elucidaria ângulos importantes do problema. O que parece fora de dúvida, é que a consideração sumária e simplista da questão da precária resistência das áreas pobres em confronto sem mais nada, com a noção de uma líquida superioridade de resistência das áreas mais abastadas, precisa ser melhor considerada, fora evidentemente dêsses exageros de simplificação.

Além do mais, não podemos deixar de considerar da maior relevância, isto sim, a simplicidade das solicitações psicológicas da pobreza, que numa atmosfera sócio-cultural muito menos complexa do que a das áreas ricas, tem muito melhores condições de concentrar a atenção sobre as questões ligadas à reprodução e à vida sexual. Inversamente, as áreas mais abastadas, com um mundo de atividades e de problemas de toda ordem, não só possuem mais condições de desviar a focalização dos seus interesses da vida sexual, como também estão mais aptas a criar evidentemente toda uma atmosfera de sutilezas e requintes sexuais, incluindo as perversões, que tanto mais se coadunam à imaginação mais caprichosa dessas áreas, como muitas vezes desviam a atividade sexual normal, da procriação.

É aliás essa maior intelectualização e êsse mundo mais intenso de solicitações psicológicas, que levam as classes abastadas a refletir mais sobre os efeitos da atividade sexual, reduzindo por conveniência, artificialmente o número de filhos. Tor-na-se até óbvio que numa vida por excelência de artifícios, para se antepor ao mundo e à natureza, acabam essas áreas elaborando mais um processo artificial como fazem de modo pre-

ponderante, para dominar a própria atividade natural do organismo.

Quer dizer, além de amolecida pelo conforto excessivo, pelas facilidades de toda ordem que impregnam em geral a existência material e espiritual das classes ou áreas abastadas, há por outro lado, aqui uma atmosfera psíquica mais intensa e complexa, que inclusive pode interferir em várias circunstâncias, negativamente sobre a procriação. O viver aqui exige toda uma gama de atenções simultâneas, enquanto por outro lado, a própria maior intelectualização dessas áreas ou classes, o seu refinamento apurado, fazem a imaginação campear intensamente em relação aos problemas sexuais. Estabelecem-se aproximações sem ligações diretas com a procriação, e por cima ainda, quando este último não é o caso, evita-se voluntariamente em larga escala por processos anti-concepcionais de toda espécie, a concepção.

É precisamente a maior intelectualização dessas áreas, que contribui aliás para o êxito dos vários processos anti-concepcionais, os quais incluem muitas vezes métodos complexos, que exigem por exemplo, todo um processo de controle minucioso dos dias de fertilidade da mulher. Também a própria noção de higiene mais alta dessas classes ou áreas, concorre sem dúvida ainda para reforçar a eficiência de alguns desses métodos, enquanto por outro lado, sua disciplina mais treinada no exercício dos inúmeros deveres e obrigações sociais, colabora sem dúvida na aplicação mais regular dos mesmos.

Além disso, a noção maior entre essas áreas, da responsabilidade da família, dos encargos inúmeros que a mesma representa, e sobretudo do tempo subtraído aos prazeres do mundanismo, das viagens, da intensa sociabilidade tão ao gosto dessas áreas, que os cuidados com os filhos inevitavelmente exigem, atua aqui como um poderoso processo psicológico de controle das atividades sexuais que levam à fertilidade. Por cima ainda, o esnobismo dessas classes ou áreas, os refinamentos da estética, os ideais socioculturalmente cultivados de um tipo específico de beleza feminina que às vezes como na atualidade, se compactua com a esbelteza das linhas e formas leves e delgadas do corpo, constitui também outro importante mecanismo psíquico de controle da concepção. Evita muitas vezes

a vaidade dessas damas elegantes, as deformações comuns do corpo, que a gravidez inevitavelmente provoca.

Tudo isso explica ainda o recurso tão difundido nas áreas abastadas ou ricas ao aborto voluntariamente provocado. Convém salientar, que sobretudo em vários setores da classe média, que seguem inclusive de perto as aspirações das classes mais altas, esses mesmos ideais se desenvolvem com frequência, fazendo parte assim da mentalidade das áreas mais favorecidas da sociedade.

Tudo isso é profundamente diferente do que acontece nas classes pobres, principalmente nas áreas de pobreza dos países subdesenvolvidos. É que nesses setores da sociedade, a cultura ainda não imprimiu às pessoas, a sutileza complexa das representações mentais de toda ordem, de modo que a vida sexual do povo não passou ainda por assim dizer, pelo caminho múltiplo dessas representações. Aqui, pelo contrário, domina um mundo menos complicado pelo pensamento, numa sociedade evidentemente muito mais simples e de muito menos solicitações.

As contingências fundamentais dessa vida primária e simples, afeita apenas ao contacto mais direto da natureza e da realidade externa, acaba por tornar a atividade sexual uma contingência absolutamente comum da vida fisiológica, sobre a qual não se reflete tanto, nem se pensa como nas áreas ricas ou abastadas. É que nas áreas pobres, as condições de cultura evidentemente muito mais simples, não imprimem à existência das pessoas, o mundo de representações mentais ligadas ao sexo, que levam as áreas abastadas ou ricas como em tudo, a estabelecer os seus artifícios complicados.

Numa palavra, a diferença de características sócio-culturais, condiciona nas duas áreas — ricas e pobres — o mundo de suas representações mentais, com a respectiva influência, inclusive biológica como vimos, sobre a procriação.

E porque o assunto é assim de natureza como foi mostrado, eminentemente sócio-cultural, condicionando até importantes processos biológicos ligados à interferência da vida psíquica sobre as condições de resistência orgânica da mulher, por stress emocional por exemplo, como vimos, é que se verifica o seguinte: importantes investigações históricas têm mostrado que a menor

fecundidade das classes mais altas em relação às classes pobres, apesar de fenômeno comum em muitas épocas e sociedades, de modo algum é fenômeno que se tenha apresentado constante ou permanente através do tempo.

Ao contrário, tais pesquisas revelaram por exemplo, que em períodos relativamente curtos da História da Inglaterra e da Alemanha, o fenômeno aludido variou ou flutuou consideravelmente (11).

Tanto é assim, que no período de 1851 a 1861, os estudos de T.H.C. Stevenson, constataram que a fertilidade total das classes médias e altas, era na Inglaterra, apenas de 11% abaixo do comum, e a da classe dos trabalhadores desqualificados, de somente 3% acima do referido índice. Já no período de 1891 a 1896, a fertilidade das classes superior e média, era de 26% abaixo do normal, enquanto a da classe dos trabalhadores desqualificados, subiu para 13% acima do comum (12).

Também para a Alemanha, os estudos de Kemmerich revelaram significativas flutuações no índice de fertilidade das famílias reais. O número de filhos por famílias reais, variou muito em alguns períodos. Basta dizer, que enquanto do tempo de Carlos o Grande até 1300, o índice médio do aludido número de filhos para cada família, era somente de 2,2 em algumas épocas por exemplo, esse índice se elevou muito, pois mais do que duplicou no período que vai de Frederico III até 1600, quando atingiu o coeficiente relativamente alto de 5,5 filhos por cada família real (13).

Ora, isso quer dizer que o coeficiente de fertilidade de uma mesma área sócio-econômica, tem apresentado significativas variações em épocas diversas. Isso constitui uma demonstração inequívoca de que o fenômeno não se associa como geralmente se pensa, apenas estritamente à questão do nível de vida. Tanto é assim, que um mesmíssimo grupo nos exemplos referidos, tem exibido, a esse respeito, resultados inteiramente diferentes.

Resumindo tudo o que foi dito, podemos concluir que o fenômeno da maior proliferação das áreas de pobreza, inclusive dos países subdesenvolvidos, e da baixa fertilidade das áreas ricas ou abastadas, corre por conta de uma complexa interrelação de fenômenos sócio-culturais, como foi visto. Outras expli-

cações aparentemente engenhosas, que apelam para supostos condicionamentos biológicos, são contraditadas não somente por outros tantos argumentos e investigações da alçada da própria Biologia, como também não levam em conta a teia múltipla e complexa das aludidas condições sociais e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) *A Saúde na América e a Organização Pan-Americana de Saúde*, publicação da Organização Mundial de Saúde, Washington, 1960, p. 2.
- (2) JOSUÉ DE CASTRO, *Geopolítica da Fome*, 1.º Volume, São Paulo, 1957.
- (3) NELSON CHAVES, "Nutrição e População", Recife, 1961.
- (4) NELSON CHAVES, "Nutrição e População", Recife, 1961; Nelson Chaves e Margarida Rego Barros, "Método de Estudo das Proteínas", na "Revista Brasileira de Medicina", 1962.
- (5) POGGI DE FIGUEIREDO, *Círculo de Sensação de Weber*, Recife, 1935, p. 70.
- (6) W. H. Sheldon com a colaboração de S. S. Stevens e de W. B. Tucher, *The Varieties of Human Physique*, Nova York, 1940, Passim.
- (7) SHELDON, o. c. p. 253.
- (8) SHELDON, o. c. p. 233.
- (9) HELMUT SCHELSKY, *Soziologie der Sexualität*, München, 1960, Passim.
- (10) NELSON CHAVES, "Correlação Hipotalamo e Hipófise", na "Revista Brasileira de Endocrinologia e Metabolismo", Rio, 1961.
- (11) PITIRIM A. SOROKIN, *Social Mobility*, Nova York, 1927, pp. 354-355.
- (12) PITIRIM A. SOROKIN, o. c. p. 355.
- (13) PITIRIM A. SOROKIN, o. c. p. 355.